O Debate

ÓRGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ NO DISTRITO DE AVEIRO

Assinaturas		
Ano	...	10\$00
Semestre	...	5\$00
Colónias, ano	...	20\$00
Brasil e Estrangeiro, ano	...	25\$00
Anúncios, linha—\$40		
Permanentes, contracto especial		

Fundador—DR. JOSÉ BARATA

Director — Manuel das Neves

Administrador—F. Nascimento Correia

Redacção e Administração
Rua dos Mercadores, n.º 26—AVEIRO

Editor — Manuel das Neves
Anunciam-se as publicações de que nos seja enviado um exemplar
Composto e impresso na Tip. Progresso (a electricidade)—AVEIRO

O País e os Banqueiros

Respiramos hoje mais desafogadamente que ha um mês. Melhorou sensivelmente a divisa cambial em consequencia da energica e terminante resposta dada pelo governo á pretensão—ruinosissima pretensão—dalguns banqueiros.

A attitude do governo, de inteira defêsa dos interesses nacionais, e a conformação com ela sem qualquer reacção da parte dos bancos, mostra-nos que estes, que á sombra do país teem medrado escandalosamente, tinham como unico objectivo ao pedirem o aumento da circulação fiduciaria, realizar mais uma especulação que lhes traria lucros fabulosos.

O aumento da circulação fiduciaria seria, neste momento—os banqueiros sabem-no melhor que ninguem—um golpe profundo vibrado na economia e credito nacionais. Mas que lhes importava as consequencias desastradas de tam ruinoso expediente se, para eles, não ha Patria mas apenas a bolsa que é insaciavel!

Falhou o golpe porque a Nação teve quem a defendesse. Os factos apontados pelo sr. Victorino Guimarães e pelo sr. Velhinho Correia e que são já do dominio publico justificam as nossas considerações e mostram ao povo o patriotismo dessa gente.

Alguns bancos atraiçooaram a sua missão. Eles, que deviam ser instrumentos auxiliares da economia do país, transformaram-se, mercê da febre do lucro que de todos se apoderou, em perniciosos agentes da ruina nacional.

A industria bancária tem sido, nos ultimos anos, altamente lucrativa porque os bancos, desviando-se das normas honestas do commercio, especulando desenfreadamente, amontoaram somas fabulosas. E a prova-lo está o desenvolvimento que se tem notado neste género de commercio.

Cidades conhecemos nós e das mais importantes do país onde, antes da guerra, não havia mais que uma modesta agencia do Banco de Portugal. Hoje, nessas mesmas cidades, ha muitas agencias de casas bancarias instaladas em sumptuosos edificios cuja construção ou adaptação deveria ter custado muitas centenas de contos, com numeroso e bem remunerado pessoal.

Em Coimbra, dizem-nos, o proprietario duma casa commercial estabelecida na rua Visconde da Luz recebeu, apenas pela chave, para nessa casa se instalar um banco, a bonita conta de 100 contos.

Que maiores provas precisamos da especulação bancária?

Invocaram os banqueiros, como fundamento do seu pedido de aumento da circulação fiduciaria, a falta de numerário e consequentes difficuldades da industria e do comércio, possivelmente até a paralisação da vida nacional. O governo recusou-se a sancionar tal medida e o commercio continuou a realizar as suas transacções, a industria não paralisou, a vida nacional continuou a sua marcha regular sem perturbações de maior. Se houve difficuldades, tam insignificantes foram que o país nem deu por elas.

Bem fez, por isso, o governo em não se prestar a ser instrumento dos interesses dos banqueiros defendendo a nação contra as suas criminosas maquinações.

Bem haja pela sua energia e firme decisão e oxalá que a sua politica financeira, inspirando-se sempre nos altos interesses da nação, seja o inicio do nosso resurgimento.

ADESÃO

Por intermedio da Comissão Municipal deu a sua adesão ao nosso partido o sr. Carlos Barbosa da S. Mesquita inteligente e zeloso empregado da filial da Caixa Geral dos Depósitos em Aveiro.

Ao nosso novo correligionario as nossas affectuosas saudações.

Ricardo da Cruz Bento

passa a sua casa commercial com casa de habitação e dois armazens anexos.

NA CURIA NOTAS... LIGEIRAS

Dr. Afonso Costa

Esteve ante-ontem em Lisboa o eminente estadista sr. dr. Afonso Costa.

Os jornais, logo que tiveram conhecimento da estada na capital do ilustre caudilho da Republica, correram, pressurosos, farejando uma entrevista sensacional, ao seu encontro. Ao mesmo tempo o lisboeta fantasista e irrequieto bordava comentarios, dava largas á sua fecunda imaginação sobre quais seriam os motivos determinantes da ida a Lisboa do notavel homem publico.

Claro que ninguem acertou. S. ex.ª foi a Lisboa numa simples missão de cortezia: cumprir a gloriosa figura da Democracia, seu companheiro de lutas no tempo já distante da propaganda, que é o venerando chefe de Estado.

Até os proprios jornalistas ficaram desapontados porque as canceiras que passaram em procura do egrégio cidadão não deram resultado. S. ex.ª recusou-se terminantemente a conceder entrevistas.

Diz um redactor de *O Seculo* que, duma larga conversa que teve com o ilustre republicano, lhe ficára a impressão de que ele intervirá na politica portuguesa logo que surja a oportunidade. Apesar de ha anos afastado da vida publica do seu país, tem seguido com carinhosa atenção os sucessos politicos que se teem desenrolado em Portugal. Manifestou uma esperanza inabalavel, uma fé viva no resurgimento da Patria pela Republica e uma confiança absoluta nas virtudes civicas do povo português para auxiliarem os governos na grande obra de ressurreição.

O pensamento do dr. Afonso Costa é o pensamento de todos os republicanos. Ha apenas uma discordancia com ele: ao passo que s. ex.ª ainda não acha oportuna a sua intervenção na nossa politica, os seus correligionarios ha bastante tempo que sentem que a oportunidade ha muito que existe.

A greve em Lisboa

O governo da Republica, pela pasta da Agricultura, promulgou uma medida que tem merecido o aplauso de toda a gente sensata deste país.

A extinção do regimen do pão politico impunha-se desde ha muito tanto sob o ponto de vista da economia do Estado como sob o aspecto moral. E não é apenas a economia do Estado que lucra com essa benéfica medida; é tambem a economia geral, a economia do proprio operariado que tam desordenadamente se manifesta nesta questão, que desta medida beneficia.

O Estado perdia, por ano, muitas dezenas de milhares de contos que revertiam quasi exclusivamente a favor da moagem sem que o proprio opera-

riado beneficiasse desse estupendo sacrificio. Esse desperdicio acarretava, evidentemente, um desequilibrio que havia de ser coberto á custa do contribuinte e este, por sua vez, defendia-se elevando o preço do que vendia. Logicamente, o pão politico era uma das causas da carestia da vida, suportada por toda a gente inclusivamente pelos operarios.

Moralmente a questão tem um aspecto ainda mais grave porque não se compreendia nem era admissivel que todos nós pagassemos para cobrir as despesas que o Estado fazia em beneficio da população de duas cidades. Como tambem se não admitia que uns pagassem o pão por um preço e outros por outro.

E, portanto, uma medida moralisadora e de grande alcance económico a que acaba de ser decretada pelo governo da Republica. Parece que o operariado, embora aparentemente prejudicado, atendendo a que o decreto do governo tendia á moralisação administrativa do Estado e que dele advinham benéficos resultados para todos, devia receber bem o decreto estabelecendo o novo regimen cerealifero.

Tal não foi. Os operarios, na sua cega loucura de destruir a actual organização politico-social, orientados por *meneurs* falhos de inteligencia e de honestidade, lançaram-se num movimento grévista que só os pode prejudicar e á causa que defendem.

Os processos empregados nas suas reivindicações são absolutamente condenaveis, nada os pode justificar. As lições do passado deviam pôr os operarios de sabre-aviso sobre os intuitos dos *meneurs* e fornecer-lhes os elementos necessarios para verem que não podê triumphar uma causa que precisa, para se impôr, do terror causado pelos criminosos meios de que se servem.

Não se triunfa pela bomba lançada sobre gente indefesa e que nada tem com as questões existentes entre operariado e governos, não se difundem ideias a tiro.

O governo ha-de jugular mais este movimento porque tem a força que lhe dá a justiça que á sua causa assiste e o apoio incondicional da opinião publica.

Os operarios, ao contrario, com os processos violentos e repugnantemente criminosos que empregam em todos os seus movimentos, perdem successivamente terreno e vão alienando cada vez mais as simpatias da opinião.

Somos partidarios da maxima liberdade mas dentro da maxima ordem e da maxima legalidade. Por isso candenamos o operariado na sua violenta e ilegal attitude.

— Regressa hoje de Lisboa o sr. dr. Luiz de Brito Guimarães, ilustre professor do Liceu e antigo ministro.

Block-Notes

Estão na praia da Barra os nossos amigos srs. dr. Francisco Ferreira Neves e João de Matos Cordeiro, distintos professores respectivamente do Liceu e Escola Primaria Superior.

— Encontra-se na Louzã a passar as férias o sr. Agostinho de Sousa, distinto professor da E. P. S. e nosso ilustre colaborador.

— Encontra-se, felizmente, melhor a esposa do nosso director.

— Tivemos o prazer de abraçar nesta cidade o nosso amigo, sr. dr. Antonio de Atouguia Pimenta.

LIVROS NOVOS

Estátuas de Espuma, por Alípio Rama. — Coimbra — Limitada.

Não sou crítico literário e tenho muita honra em não ser e muito prazer em declarar publicamente que o não sou.

Com efeito, ser crítico literário em o nosso país, é, em geral, pertencer á enorme falange daquelas criaturas sem dinheiro nem... competência para o ganhar; criaturas que vivem apenas sustentadas pela generosidade inexgotável dos grandes empresários de jornais, sem independência nem valor intelectual e... com faces onde não transparece, muitas vezes, a mínima sombra de vergonha.

E de tal maneira e tão baixo caiu entre nós a crítica literária, que eu nunca comprei um livro, suggestionado pelo reclame jornalístico, que me não sentisse desapontado; e é tal a minha convicção disto que digo que, quando o tempo e o vil metal me derem ensejo de publicar algum livro, por minha fé declaro que o não mandarei a críticos literários de profissão.

Farei, pois, hoje, o papel bem simples e agradável de crítico amador, onde quasi sempre se encontra mais sinceridade, mais independência, mais amor á arte, mais competência, e menos sabugismo. Não enveredarei, comtudo, pelo caminho daqueles amadores que começam por falar de si próprios, alardeando saber, mostrando conhecimentos varios, pronunciando um estendal de nomes próprios, arrevezados e exóticos, como para *épater le bourgeois*, não se lembrando que o leitor, o que deseja, é poder fazer rapidamente um juizo seguro do livro de que ouviu falar.

Nesta ordem de ideias eu direi que este livro de Alípio Rama—livro ditado pelo coração, mas pelo coração de um poeta de raça,—é daqueles livros raros que marcam e que ficam iluminando e perfumando as gerações vindouras, num deslumbramento de alegria, de amor e de vida que consola as almas, vivificam cérebros e alentam corações.

Lê-lo, é sentir perpassar na alma e em todos os sentidos do corpo as exuberancias de vida fecunda que animam e movimentam a natureza em todas as modalidades e perspectivas, em todas as cambiantes e mutações de climas, em cujas descrições Alípio Rama é inimitável.

Por mim, quando, acorrendo á luta de pauperante, estiolante e árida da vida, não tiver ensejo, como tantas vezes me tem acontecido, de ouvir, na primavera, as rapsódias dos rouxinóis, de contemplar, no outono, os quadros melancólicos da natureza que desfalece e compungida chora; quando sentir a minha alma de poeta sedenta de ar, de luz e de vida emotiva, abrirei as paginas deste livro magnífico, crente que acalmarei a sede de Beleza que me tortura e mortifique.

Ai!... é consolador constatar-se que, nestes tempos de ogotismo feroz que vão passando, de materialismo obsecante que tudo invade e todos os sentimentos belos estiola, ainda ha quem viva para as altas criações do espirito, quem o libre nos paramos azuis da fantasia, sentindo-se bem no mundo encantado da Ilusão criadora, da Ilusão fecunda, da Ilusão que nos impele no caminho dos grandes progressos morais, livrando-nos da inércia que definha e mata! Bemdito seja quem nos encaminha suavemente na busca do Ideal—jardim florido que nos amenisa as agruras e as realidades da vida!

Ler este livro, é abrir ante nós o scenario deslumbrante e triunfal da natureza em festa, mas é ouvir também a lingua-

gem admirável da alma humana, quando ela, arrebatada e insatisfeita, grita por Deus, na ancia devoradora da Beleza suprema e da verdade infinita. E' que, se o poeta escreve, não com palavras, mas com a alma das palavras, um livro como este espiritualisa-nos, deifica-nos, por assim dizer, alando-nos para mundos ignotos onde não chegam as escurentezas da serra, onde momentaneamente nos sentimos bem ao abrigo das misérias da vida terrena.

Ha nas Estátuas de Espuma ressaivos de Junqueiro, de Antonio Nobre, de João de Deus, a par de nuances do cancionero popular que nos encantam. A técnica é sempre modelar, a rima perfeita, a inspiração admirável. Deleita-nos a facilidade, a naturalidade das expressões, a justeza dos termos e das imagens, a moderação e despretenhiosidade dos neologismos. Paira sobre toda a obra uma rajada de luz que nos penetra e nos acaricia ao lê-la; e fica a gente sem saber se o poeta é mais sublime quando nos pinta a natureza e os tipos tipicos do campo trabalhando e cantando á luz das alvoradas ou nas estradas poalhentas ao decair do sol, se quando, em expressões cheias de naturalidade, nos fala a linguagem subjectiva do amor.

Citações? Para quê? Seria preciso transcrever o livro todo. Quizerá também apontar alguns defeitos; mas para quê, num livro em que a superabundancia de belezas é a marca predominante?

E, visto que, para falar de um livro, preciso é dizer-se alguma coisa, constringido e á pressa escrevi este arrasoado. E digo constringido, porque, quando acabo de ler um livro como este,—livros que raramente aparecem,—o meu comentario, para quem me interroga é simples e conciso: gostei, porque são versos escritos por um poeta. E ainda direi mais: para um livro como este, é desprimoroso todo o reclame jornalístico e toda a critica literaria.

Agradecendo o exemplar oferecido e a penhorante dedicatória, receba o eminente poeta um sincero abraço de parabens.

Praia da Barra de Aveiro, 22 8—923.

Rodrigues Pepino.

Selecta de Textos Arcaicos e Medievais — VI e VII classes dos Liceus, por José P. Tavares.

O sr. dr. José Pereira Tavares é um distinto professor do nosso Liceu que muito se tem dedicado aos estudos da sua especialidade e particularmente de literatura portuguesa.

Ainda ha pouco S. Ex.^a mostrou os seus profundos conhecimentos da lingua numa brilhante conferencia em que, perante uma numerosa e escolhida assistencia, desenvolveu magistralmente o tema: Historia da Lingua Portuguesa. Editada pela livraria Chardron de Lelo & Irmão, L.da do Porto, publicou o illustre professor uma selecta de textos arcaicos e medievais para o ensino do português na 6.^a e 7.^a classes dos Liceus.

Do merito deste livro já disse o mais que se pode dizer a Comissão encarregada da escolha de livros para o ensino secundario, aprovando-o para o ensino da lingua portuguesa na 6.^a e 7.^a classe dos liceus.

A preferencia dada a este livro pela referida Comissão, em competencia com outras obras do mesmo genero e para o mesmo fim apresentados, representa um acto de inteira justiça e um justo galardão para o trabalho e intelligencia do seu autor. Não é, de facto, tarefa facil a escolha, dentre tantos monumentos da literatura portuguesa, daqueles fragmentos que mais intelligentemente evidenciam a evolução da lingua, a sua marcha ascendente no sentido da perfeição e independencia.

E o dr. José Tavares, com sabia mestria soube escolher os trechos que mais claramente nos ilucidam sobre o seu desenvolvimento. Abre o livro por uma introdução em que o autor, sucintamente, nos explica a origem latina da lingua, quais as outras linguas que mais directamente influiram na nossa e o quadro geral da literatura portuguesa.

Depois de nos falar das fontes para o estudo da poesia e da prosa, começa a transcrição dos textos, tanto em prosa como em verso fazendo passar deante de nossos olhos os trechos mais importantes da lingua desde o seculo XII até ao seculo XVI.

Toda a obra é acompanhada de notas explicativas e bibliograficas com preciosas indicações para que aqueles que desejem mais completos conhecimentos da materia não tenham dificuldades na procura de recursos para a satisfação do seu espirito.

Emfim, sem favor se pode dizer que o dr. José Tavares prestou um bom serviço á instrução secundaria com a publicação deste livro.

Muito agradecidos pelo exemplar que nos foi oferecido.

Dr. Alfredo Nordeste

Tivemos o prazer de abraçar nesta cidade este nosso prezado amigo e illustre correligionario.

S. Ex.^a esteve uns dias na praia da Barra mas devido aos seus afazeres profissionais teve de retirar-se ontem para Lisboa.

Cobrança

A administração de O Debate *vae novamente enviar á cobrança os recibos d'assinatura respeitantes ao 3.^o semestre decorrente, e que da primeira vez lhe foram devolvidos sem terem sido pagos.*

Aos nossos presados assinantes dos concelhos de Vagos, Albergaria-a-Velha, Anadia, Estarreja, Ilhavo, Sever do Vouga, e outras terras onde, por qualquer circunstancia os não poderam pagar, era obsequio atenderem ao aviso que pelas respectivas estações postaes lhes são endereçados, evitando-nos assim escusadas e repetidas despesas.

Aos que directamente nos enviem a importancia da sua assinatura, a administração de O Debate muito grata lhes fica.

O DEBATE atravez do districto

Alquerubim, 16-8-923

(Atrazado na redacção)

A Junta desta freguezia deliberou—segundo se depreende de um edital que mandou afixar com a data de 5 do corrente—«vender ou aforar» os baldios existentes em Alquerubim. E, segundo consta, convidou já os louvados da... casa—um deles tio do presidente—para avaliarem os ditos terrenos baldios!

Diz-se também que a Junta pretende vender, em segredo, alguns desses baldios aos individuos que ilegalmente estão na posse deles, porque os semearam de pinhão ou os arrotearam, mas de cujos terrenos nunca pagaram foro.

Antes de continuar na serena apreciação dos extranhos projectos da Junta de Paroquia, devo declarar que a critica que faço dos seus actos visa apenas a defesa dos interesses do publico em

geral, pois tenho boas relações de amizade com o seu presidente e com quasi todos os seus colegas, não me impulsionando, portanto, outro sentimento que não seja o do amor á minha terra—que queria ver engrandecida e moralizada...

Trata-se, porém, da alienação de terrenos que actualmente valem muitas dezenas de contos de reis—que evidentemente nada tem rendido senão para os seus felizes e ilegais detentores—mas que representam ainda uma grande riqueza para a freguezia depois de justamente aforados em hasta publica.

Sabemos que a Junta não tem autorização legal para proceder ao aforamento dos baldios, nem para a venda dos mesmos—e seria um crime esta ultima autorização—por isso vimos protestar contra semelhantes propositos e prováveis mistificações, feitas ao povo de Alquerubim por meia duzia de ricos, que são quasi os unicos detentores desses terrenos baldios. Protestamos, sim, energeticamente, como alquerubinense que somos, perante as autoridades e poderes publicos competentes—contra a negociata que se anuncia... Nós também queremos o aforamento dos baldios—pois fomos dos primeiros a preconiza-lo—com cujo producto se poderão fazer importantes e urgentes melhoramentos, ou a sua divisão pelos pobres—o que, se fosse legal, seria mais humano—mas feito publicamente, á luz do dia, com moralidade e sem favoritismo de nenhuma especie,—ante a figura sublime da justiça—tendo por base a Lei.

Tudo que não assente nestes principios é um crime que o povo não perdoaria e cujas consequências ninguem pode prever. O povo tem sido já mistificado muitas vezes pelos politicos locais, e não é prudente continuar a calcar os seus direitos, a não ouvir os seus queixumes...

Alquerubim não tem um cemiterio que chegue para as necessidades da população—apezar de até já utilizarem as proprias ruas para a abertura de covais—e o povo vê-se assim inibido de reservar intactas as sepulturas das pessoas queridas, cujos ossos são arrancados anos antes do prazo que a lei determina e postos macabra e criminosamente ante seus olhos humidos de indignação e de saudade!...

O edificio escolar—o unico que temos nesta freguezia de duas mil e tantas almas—algumas dos diabos!—ameaça ruina e o tecto de estuque é um perigo constante para muitas dezenas de criancinhas que ali vão receber o pão do espirito.

Não temos chafarizes condignos, sob o ponto de vista artistico e higienico e, os poucos que existem, alguns foram feitos mais para beneficio pessoal do que para interesse publico.

Alquerubim não tem estradas dignas desse nome—a não ser as que o saudoso dr. Nogueira mandou fazer—e algum caminho que tem esboçado dá bem ideia—nos seus tortuosos alinhamentos—da consciencia maleavel e do saber profundo dos seus alinhadores...

E' preciso, é urgente, pois, que a nossa terra seja dotada com os melhoramentos de que carece, que entre num periodo de prosperidade compativel com os seus recursos, é certo, mas também segundo as regras da arte e do bom gosto, da economia e da... moral...

Para isso—bem o sabemos—é necessario recorrer a homens de bem, inteligentes e patriotas—e ao aforamento dos terrenos baldios, visto a Junta dispôr presentemente de poucos rendimentos. Mas para se conseguir esse desideratum, é preciso começar pelo principio, isto é, nomear uma comissão de individuos competentes e de reputada honestidade, imparciaes e sem nenhuma afinidade com a Junta ou com os detentores de baldios, e onde a classe pobre esteja representada—comissão que teria o encargo de

fazer a medição de todos os terrenos e a respectiva matriz. Depois disto, sim, e obtida a autorização do Parlamento, então deve a Junta proceder em hasta publica ao aforamento de todos os baldios, excepto os considerados logradouro publico e as duas faixas paralelas á estrada districtal n.º 70, que vão desde o lugar de Fontes até ao das Frias de Albergaria-a-Velha,—faixas essas de terreno que seriam destinadas aos pobres—conforme o pensamento e o desejo do illustre extinto Dr. Nogueira e Melo, quando dirigiu os destinos da nossa hoje maldada terra...

J. C.

AVEIRO

Companhia Aveirense de Navegação e Pesca

Liquidação

A Comissão liquidatoria nomeada pelo Tribunal Commercial, anuncia que no proximo dia 2 de Setembro, pelas 15 horas, na antiga sede da Companhia, na Avenida Central, se venderão em hasta publica os seguintes bens:

Lugre *Atlas* de 3 mastros e 450 toneladas construido para a pesca do bacalhau, em 1918, forrado de cobre e classificado, em magnifico estado de conservação, com todos os seus aprestes e aparelhos. Este navio está fundado em Aveiro (Gafanha).

O campo da seca de bacalhau, na Gafanha da Nazaret, com os seus armazens e utensilios devidamente relacionados; este campo tem a aria de 13120 m² e 3 armazens.

Um armazem de madeira no Canal de S. Roque.

O predio da sede da Companhia em liquidação, na Avenida Central.

A Comissão liquidatoria reserva-se o direito de não entregar os bens praceados, desde que os lanços não atinjam a avaliação feita.

Quaisquer esclarecimentos se darão na sede da Companhia, todos os dias uteis das 11 ás 13.

PERDEU-SE

Uma cadela perdigueira, grande, castanha e com coleira na qual tem os seguintes dizeres «Julio Lacerda» Alva-Castro Daire.

Quem se encontrar será bem recompensado e é favor enfiar a em casa do sr. dr. Manuel Alegre — na Costa Nova do Prado.

XXXXXXXXXXXX

Vende-se

uma morada de casas cita na rua das Marinhas, n.º 5, e com frente para o Rocio.

Dirigir a Laurinda de Melo Paulino, rua de S. Roque, 88—AVEIRO. (56)

XXXXXXXXXXXX